

Cultura e história: as impossibilidades do sentido

ANTONIO PAULO RESENDE
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: A redefinição do trabalho do historiador traz novas discussões e novos referenciais teóricos. Um dos eixos da polêmica atual é a relação da História com a cultura e a perspectiva de se fugir e se criticar os paradigmas herdados do positivismo. Esta redefinição passa inclusive pela relação mais estreita da História com outros campos do saber.

ABSTRACT: The redefinition of the role of the historian has brought about new discussions and new theoretical references. One of the most polemic aspects has been the relationship between History and Culture and the need to avoid and criticize paradigms inherited from positivism. This redefinition results in a closer relationship between History and other fields of knowledge.

1. história, histórias

O fazer e o contar as histórias estão, intrinsecamente, relacionados. Não se pode conceber uma história que não possa ser contada. Contar a história é uma revelação, uma tentativa de multiplicá-la, de transcender o momento e, até mesmo, de redefiní-lo. Fica, no entanto, ressaltado que essa relação entre o fazer e o contar é bastante complexa. O seu fluir é cercado por circunstâncias, muitas vezes, pouco favoráveis, porém, a maneira de contar de contar a história elucida muito a maneira como está sendo construída. Por outro lado, contar a história não significa estar preso ao reino exclusivo da fantasia, perdido na sucessão de imagens (re)inventadas gratuitamente. Existe alguma coisa que chamamos de real, que dá o contexto e a dimensão da história. Mas, dificilmente, as versões das histórias são iguais; elas se chocam, se negam, se completam, se articulam. Elas têm, contudo, um ponto de partida que reivindicam como

vinculado ao real, muitas vezes, indefinido, discutível para alguns, mas que funciona como uma referência básica para aqueles que estão contando a história. Os caminhos são infinitos: pode-se exagerar na quantidade de vestígios, restringir-se ao meramente factual, desprezar-se os atores e exaltar-se o texto, envolver-se na sua trama, elegendo vencidos e vencedores.

É claro que o contar e o fazer a história não deveriam ser privilégio de alguns escolhidos. Todos contam e fazem suas histórias, independentemente do lugar que ocupam na sociedade. Alguns procuram, como Édipo, o seu fio condutor, o seu destino, nem que isso signifique a sua condenação e sofrimento. Enfatizam a consciência, querem esclarecer os enigmas, desafiar as esfinges. Outros se deixam encantar pelas aparências, escondem-se nos labirintos, fogem dos enigmas, e como Narciso, só conseguem se deslumbrar com sua própria imagem. A diversidade é, portanto, o vestígio maior da história, sem entendê-la dissolvemos a sua riqueza. Entendê-la não significa esgotá-la, atribuir-se a capacidade de conhecer todos os seus segredos, como um adivinho de uma lucidez infinita.

Assumir a diversidade significa fugir de muitas certezas, porém, multiplicar a possibilidade de compreender a história como uma invenção, onde o espaço do inesperado está presente, onde os homens não apenas reproduzem as angústias e as frustrações dos seus antepassados, onde a memória não é um acúmulo petrificado de recordações. Os homens atuam envolvidos por circunstâncias que dão formas ao contexto histórico. Isso não quer dizer, no entanto, que podemos decifrar essas múltiplas determinações, torná-las transparentes, iluminá-las, compreendendo, na essência, o conteúdo e o sentido da aventura humana. O fazer e o contar são atravessados por incertezas, na medida em que a história é, sobretudo, a construção da utopia, de algo que, contraditoriamente, parece não

se finalizar nunca, mas que o homem busca, envolvido nas tramas da razão e/ou da loucura.

O trabalho do historiador é um trabalho de elucidação, mas cercado de vicissitudes, vacilações, incertezas. Para alguns, certos conceitos alicerces funcionam como estruturas básicas inabaláveis da sua construção. Fazer ciência, no sentido de um saber sistematizado e aceito pelo estatuto da verdade acadêmica, não deve se resumir a negar as incertezas e deixar-se embriagar na "clarividência" do método. Já são tantos os que desconfiam dos encantos de uma razão inexpugnável... As novas trilhas, as novas linguagens, foram desenhadas no meio dessas polêmicas que marcam a produção do saber atualmente. Somos, portanto, prisioneiros do nosso tempo, passageiros de tantas inquietações, de tantas perdas. Passageiros sem dúvida da saudade. Saudades das aventuras felizes do passado e da possibilidade de concretizar a utopia no futuro. Entre o passado e o futuro, confusos, sacudidos pelos nossos desejos, testemunhos da crise da modernidade, tão reveladora das nossas carências e fracassos.

2 . A busca do sentido

"Quanto a mim, não tenho receitas a dar para ninguém. Vivemos num universo que não está para nossos fins e dentro de uma História em que é bastante difícil se conhecer o fio da racionalidade. De certo modo, pois, estamos numa arapuca". (Colleti, Lúcio. *Ultrapassando o Marxismo*, p. 115)

Como passageiros da saudade, convivendo, cotidianamente, com a crise da modernidade que nos escraviza ao imediato, as reflexões acima são bem indicativas, das tantas dúvidas que nos cercam. Onde estará o fio da racionalidade ? Onde estará o sentido da História ? Para que fazê-la, contá-la ? Estamos vivendo, então, um processo de condenação, desesperados sem achar as saídas do labirinto ? É esse o drama maior da discutida crise da modernidade, do apagar das "luzes", do desencanto da razão, do dissolver das utopias, do avanço do

pragmatismo ? Retomemos, então, a idéia da história como invenção. Citemos Castoriadis:

"A História é, essencialmente poesia, e não poesia imitativa, sua criação e gênese ontológica no e pelo fazer/representar/dizer dos homens. Este fazer e este representar/dizer se instituem também historicamente, a partir de um momento como fazer pensante ou pensamento se fazendo" (A Instituição Imaginária da Sociedade, Paz e Terra, p. 14)

Aceitar estas afirmações de Castoriadis abre o caminho para analisar a história sem a camisa-de-força exclusiva das determinações. Mais ainda quando se ressalta a importância do imaginário como "criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens a partir das quais somente é possível falar-se alguma coisa" (idem, 13). Nessa trajetória, onde a história é compreendida como criação que não se esgota, que não se restringe apenas, a um real exterior e material como único possível de ser conhecido, retoma-se a importância do inconsciente na produção da história. A utopia se configura, então, não como algo cientificamente demonstrável. Liberta-se do jugo da positividade das leis. Assume, enquanto sonho, transcendência, desafio, sem o limite de ser o sentido único da história.

A questão de visualizar um sentido para a história, como se ela tivesse um encadeamento lógico, nos traz aquilo que Castoriadis denomina de ilusão da racionalização retrospectiva. É a aceitação sumária da existência de uma filosofia da História que sugere (e define) não só uma interpretação da história, como uma razão de ser para a sua produção. Estamos, portanto, em um território como o da dialética hegeliana ou do materialismo dialético que elege um destino histórico, busca dar conta da totalidade. O real é visto, por Marx, como a síntese das múltiplas determinações. No contexto marxiano, somos tomados pela

saudade do futuro, ameaçados por toda essa crise que atormenta a face otimista da modernidade, massacrados pelo cotidiano veloz do reino das mercadorias em suas múltiplas e mágicas formas. Enfim, há também o feitiço da racionalização, quando na verdade as fronteiras entre "o racional" e "o irracional" são frágeis e talvez indefiníveis. Mas o historiador, apesar de tudo, não foge do desejo de elucidar o mundo, tentar construir um saber que consiga penetrá-lo, torná-lo transparente. Haveria, porém, um saber que desse conta da totalidade ou como coloca Castoriadis o saber "é fragmentário, porque não pode haver teoria exaustiva do homem e da história, ele é provisório porque a própria praxis faz surgir constantemente um novo saber, porque ela faz o mundo falar em uma linguagem do tempo singular e universal ? (idem, p. 95).

Não haveria, portanto, respostas para todas as questões, o fio da racionalidade não seria suficiente para nos indicar as saídas de todos os labirintos. Talvez seja a história mais do que um processo, mas, sim, uma grande aventura aberta a surpresas, marcada pela angústia de o homem querer elucidar o seu destino, esconder as suas impossibilidades, o fugir constante da ameaça de caos, mesmo que seja com o poder do discurso, reino da magia soberana da palavra. Mas qual a razão dessa busca de sentido, de querer desvendar os mistérios que atravessam a história ? As respostas são diversas e heterogêneas.

Marx e Engels, na Ideologia Alemã, elegem como primeiro ato histórico "a produção dos meios que permitam a produção das necessidades, a produção, da própria vida material e de fato este é um ato histórico que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias, todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos"(A Ideologia Alemã, HUCITEC, 5a. ed., p. 39). O homem na produção da sua vida material cria um determinado modo de se relacionar com os outros homens (as relações sociais de produção) e com a

natureza. A partir daí é que se pode pensar na questão da consciência como "um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens"(idem, p. 43). Apesar das contradições que fazem parte da sociedade humana, da divisão social do trabalho, da exploração do homem pelo homem, Marx e Engels não perdem de vista a utopia. Constroem as formulações e o projeto histórico do socialismo científico, onde a possibilidade de uma sociedade sem classes, desalienada, é, claramente, defendida: a sociedade comunista "onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral, dando-me a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra; caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico" (idem, p. 47).

A concepção marxiana foi construída em um contexto impregnado pelo discurso iluminista do progresso, pela crença que a racionalização crescente do uso dos meios de produção levaria à organização de uma sociedade justa, governada inicialmente pela maioria, para atingir o paraíso do autogoverno. Aliás, o comunismo sonha o advento da história na sua plenitude, a instituição da igualdade social produto da luta da classe operária e dos seus aliados contra exploração burguesa. O homem não seria passageiro da saudade, pois lhe seria dado construir a sua utopia. A reflexão sobre a história o levaria a outras questões, a distância entre o instituído e o instituinte não significaria o fracasso, mas a própria abertura para criatividade.

São inegáveis os desencontros, os exageros, a sacralização dos textos de Marx, a superestimação da validade dos pressupostos do socialismo científico. No entanto, não se pode negar que os marxismos procuraram um sentido para o processo histórico que significasse a libertação do homem e mais que isso a própria construção da sua felicidade. Aceitaram os limites, mas

acreditaram superá-los, e, para isso, arquitetaram toda uma teoria explicativa da história, não isolada de uma praxis política. Construíram sua própria escatologia. Vestiram-se com os emblemas encantadores da modernidade: razão, revolução, progresso, utopia, ciência.

3. A difícil utopia

Malgrado todos os devaneios das teorias que buscam compreender uma possível "essência" histórica, não seria sua questão maior o encontro com a felicidade, indefinível, talvez, mas nem por isso, ausente das sinuosas interpretações e análises da história ? Freud, em seu texto "O Mal está na Cura", nos dá inúmeros elementos para aprofundar a questão, colocando como aspiração constante do ser humano, a felicidade em suas duas faces: positiva (busca do prazer) e negativa (evitar o desprazer). A construção da vida cotidiana, segundo Freud, "nos resulta demasiado pesada, nos coloca excessivos sofrimentos, decepções, empreendimentos impossíveis. Para suportá-la não passamos sem lenitivos (não se pode prescindir das muletas, nos disse Theodor Fontana). Há três espécies de lenitivos: distrações poderosas que fazem parecer pequena nossa miséria, satisfações substitutivas e narcóticos que nos tornam insensíveis a ela" (*El Mal-Estar en la Cultura*, Alianza Editorial, p. 19).

A questão básica da produção da cultura, fundamental para a história, é a superação dos obstáculos que não cessam de existir, mesmo que os homens avancem no seu domínio da natureza, criem todo um aparato tecnológico sofisticado. Os homens têm a ousadia de Prometeu, desafiam os deuses, mas, ao mesmo tempo, estão cercados de limites que impedem o fruir absoluto da sua felicidade. A natureza, o nosso corpo e nossa relação com os outros são limites dos quais não podemos fugir. É necessário conviver com eles e essa preocupação está, substancialmente, vinculada à produção cultural.

Os homens buscam a felicidade, "empreendem juntos a tentativa de procurar um seguro de felicidade e uma proteção contra a dor por meio de uma transformação delirante da realidade" (idem, p.25). É, justamente, na sua relação com a realidade, na maneira como administra, aceita, sublima seus desejos, é que se define sua busca vitoriosa ou frustrada do prazer. Subestimar as dificuldades pode levar ao delírio. Para Freud, na construção da história, a dor e o prazer estão, sempre, presentes, daí os conflitos, os desencontros. Essa construção extremamente difícil da convivência social é marcada por ambiguidades. A produção da cultura significa a superação de alguns limites e o surgimento e outros.

Mas, o que seria cultura ? Para Freud, "o termo cultura designa a soma das produções e instituições que distanciam nossa vida dos nossos antecessores animais e que servem a dois fins: proteger o homem contra a natureza e regular as relações dos homens entre si" (idem, p. 15). Na conceituação é interessante como estão assumidos o distanciamento do passado animal, o caráter cumulativo da cultura, o seu aspecto institucional (a criação de regras) e a própria produção material necessária para a sobrevivência do homem. A ordem, a beleza, a limpeza, fazem parte das exigências da produção cultural e atravessam a convivência, na medida em que vão exercendo um domínio maior sobre a natureza, aprimorando as suas instituições, se distanciando do seu passado animal.

O crescimento cultural dos homens, a imensa produção de bens e instituições que vão se acumulando no decorrer da história, os levam, muitas vezes, a superestimar suas forças, dando-lhes a falsa idéia de que não há mais grandes obstáculos e se sentem enfeitiçados pelas suas conquistas. Essa busca incessante de um equilíbrio entre a dor e o prazer, de uma felicidade que possa, mais amplamente, ser compartilhada, harmonizando dentro do possível o individual com o social está

sempre presente na produção cultural. Diz Freud que "um dos problemas do destino humano é o de se este conflito em si é inconciliável"(idem, p. 40).

Como, então, pensar a produção da utopia dentro de referenciais que aceitam a existência e permanência do conflito e da competição como dados essenciais da produção da cultura, não negando a natureza agressiva dos homens ? Freud admitia as contradições e não se encantava com a possibilidade de uma sociedade plena de harmonia, fazendo, inclusive, crítica bem explícita aos princípios do comunismo (idem, p. 55). A antítese entre a cultura e a sexualidade é reafirmada no decorrer da obra freudiana, derivando do fato "de que o amor sexual constitui uma relação entre duas pessoas, na qual um terceiro só pode desempenhar um papel supérfluo ou perturbador, enquanto que, pelo contrário, a cultura implica, necessariamente, relações entre maior número de pessoas" (idem, p. 49).

No entanto, assumir os conflitos não resulta uma passividade fatalista que impede de superá-los e, muitas vezes, disfarçá-los, daí o papel da sublimação, fundamental para o desenvolvimento da cultura. As máscaras, os fantasmas, os sonhos, são elementos básicos da cultura, justificam e tentam amenizar as frustrações e os limites. Não é que Freud anule a possibilidade do homem produzir a utopia, lutar pela transformação das relações sociais, mas ele procura mostrar como se desenrola essa luta, como um dado que faz parte do "destino" do homem. Inevitavelmente, a história é essa busca e pretensão de viver a felicidade, de exercer, também, uma crítica às imperfeições da nossa cultura, ao esforço contínuo de querer transcendê-la.

Se a chamada evolução cultural "pode ser definida como a luta da espécie humana pela vida" (idem, p. 63), como afirma Freud, ela também "obedece a uma pulsão erótica interior que a obriga a unir os homens em uma massa intimamente

amalgamada, só pode alcançar este objetivo mediante a constante e progressiva acentuação do sentimento de culpabilidade" (idem, p. 74), que se origina no nosso medo da autoridade e o temor ao superego. Esse sentimento ao mesmo tempo que controla os impulsos sexuais, criando frustrações, delimita os espaços da convivência social, transferindo conflitos, penetrando diretamente na construção cotidiana das relações sociais. Mais uma vez, a ambivalência cercando a história do homem, pois "o preço pago pelo progresso da cultura reside na perda da felicidade pelo aumento do sentimento de culpabilidade" (idem, p. 75). A modernidade, com seu projeto de multiplicação das conquistas do homem, não representa, nem garante uma (re)conciliação com a felicidade.

A produção da cultura é, portanto, um processo marcado por instabilidades. O domínio crescente sobre a natureza, a parafernália tecnológica e a conquista da "civilização", podem significar a morte de qualquer utopia de felicidade. Eis um problema radical para os rumos da história. O homem, na concepção freudiana, é um Prometeu acorrentado, vivendo seus (des)prazeres, porém amarrado a um projeto, profundamente contraditório, de desafiar, de acreditar na transformação, de sentir-se em condições de destruir seus deuses. A morte do desejo, do sonho, é a morte do homem, o desmoronamento da cultura.

Freud, no seu "ser profeta", afirma que "o destino da espécie humana será decidido pela circunstância de se - e até que ponto - o desenvolvimento da cultura conseguirá superar as perturbações da vida coletiva emanadas do instinto de agressão e de autodestruição" (idem, p. 87). O inferno pode ser bem os outros, lembrando Sartre, mas sem a vida coletiva não haveria cultura, nem haveria história. A utopia maior de uma sociedade sem desequilíbrios e frustrações não passa pelas meditações freudianas. Temos que conviver com os delírios de ser Prometeu

acorrentados, mas muitas vezes nas nossas fantasias soltos e invencíveis. Sem o desejo e o sonho a cultura naufraga, os homens não desafiariam os deuses, nem existiria Freud. A modernidade é uma construção labiríntica, convive com delírios, impasses, fantasias, nessa busca desesperada de dar um sentido para a história.